

O DIGITAL NAS CULTURAS DO ESCRITO

The digital in the cultures of writing

Daniela Perri Bandeira

Resumo: O presente artigo busca analisar a presença do digital nas culturas do escrito a partir de uma perspectiva histórica que privilegia o discurso da continuidade em relação às culturas do escrito, buscando compreender as mudanças que a mediação tecnológica digital promove na linguagem e nas práticas comunicativas submetidas às redes sociais. Para isso, foi necessário realizar um levantamento dos estudos sobre as redes sociais via Banco de Teses da Capes. Aqui apresento um breve comentário sobre como meu interesse se alinha ou não ao que essas pesquisas já realizadas apresentam.

Palavras-chave: culturas do escrito, redes sociais, multimodalidade.

Abstract: This article seeks to analyze the presence of the digital in the cultures of writing from a historical perspective that privileges the discourse of continuity in relation to the cultures of writing, trying to understand the changes that digital technology mediation promotes in the language and in the communicative practices submitted to social networks. For this, we did a survey about studies on social networks via the Capes's Thesis Bank. Here is a brief comment about how my interest is aligned or not with these previous studies.

Keywords: cultures of writing, social networks, multimodality.

Introdução

Há quase uma década venho pesquisando o letramento digital, buscando compreender este novo fenômeno e suas especificidades em diferentes espaços escolares, observando novos comportamentos associados à leitura e escrita na tela por estudantes. Em 2001, ano em que ingressei no curso de mestrado da Faculdade de Educação da UFMG, realizei uma pesquisa em um colégio particular de classe média, situado na zona sul de Belo Horizonte. Pretendia, a partir de observações e entrevistas com adolescentes do final do ensino fundamental, captar alguns traços de letramento influenciados pelo uso da internet, não só nas produções digitais do adolescente, mas também em sua relação com o conhecimento.

Na pesquisa empreendida no mestrado, percebi que o uso constante da internet possibilitava a constituição de um “leitor múltiplo”, caracterizado por desenvolver novas práticas de leitura e escrita na internet. Decidi chamar de “leitor múltiplo” o adolescente que, entre outras coisas, simultaneamente lia e escrevia na internet, considerando que, enquanto se faz uma leitura de hipertextos, tece-se também uma escritura virtual. Tal leitor apresentava características distintas do leitor tradicional, e foram essas características que me permitiram formular a hipótese de que o uso da internet e das tecnologias digitais levava à constituição de um novo letramento, o letramento digital. Para esses adolescentes, navegar não significava ler. Leitura era algo relacionado às atividades escolares, compromisso, obrigação. Navegar era uma prática divertida e curiosa. Eles navegavam produzindo hipertextos, em busca de informações para pesquisas escolares, letras de músicas, charges, novos jogos e informações diversas. Navegar na internet era, portanto, uma nova prática de leitura que, para eles, não podia ser considerada inferior às outras práticas.

Em 2005, ano em que iniciei o curso de doutorado na mesma instituição, meu objetivo foi investigar que relação mantêm com o computador e a internet indivíduos de meios populares ingressantes em instituição de ensino superior que pressupõe alunos com letramento digital. A Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais foi o espaço escolhido para a seleção dos estudantes. Escolhido o local da pesquisa, foram realizadas três etapas (observação, questionário e entrevista) para se chegar aos sujeitos desejados: estudantes das camadas populares “iletrados ou pouco letrados” em relação ao universo digital. É claro que não pude adotar uma visão simplista a respeito desses alunos calouros, pois são raros aqueles radicalmente alheios ao universo digital: o uso do telefone celular ou dos caixas eletrônicos os aproximam de algumas práticas relacionadas a esse mundo. No entanto, utilizar a internet como um novo suporte de leitura e escrita, dentro de uma perspectiva acadêmica, ainda constitui um obstáculo, tendo em vista os alunos calouros que não atingem essa condição de letrado digital na família ou em outros espaços de formação, por falta de acesso ou acesso precário.

Foi constatado que os sujeitos pesquisados mantinham relações de conflito com a faculdade diante do pressuposto de que todo aluno que passa no vestibular da UFMG já é considerado “dotado” de letramento digital suficiente para responder todas as demandas digitais necessárias de um curso superior. Foi possível perceber as complexidades particulares presentes na forma de tentar se “ajustar” às demandas de uma cultura digital local. Espera-se desses estudantes o que eles ainda não são, no caso, letrados digitais. Quem espera? Eis o ponto que mais

surpreendeu durante esta pesquisa. A universidade espera letrados digitais, a própria Faculdade de Educação espera letrados digitais, os professores esperam letrados digitais, os colegas são letrados digitais. A obviedade com que o assunto é tratado na universidade é um aspecto de grande dimensão. É dessa forma que a instituição tem enxergado o aluno calouro: aquele que já sabe lidar com o computador/internet, ou seja, a universidade o vê como digitalmente letrado. Isso foi descoberto nos primeiros momentos de observação e se intensificou ao longo da pesquisa. A cultura digital atravessou a universidade apesar de tantas resistências e levou a cultura predominantemente gráfica para outro suporte de escrita. E da forma como entrou na universidade, vem atravessando também a sociedade e gerando demandas para os cidadãos, seja no trabalho ou nas atividades mais corriqueiras do dia-a-dia, como, por exemplo, lidar com a catraca eletrônica dos ônibus.

Se uma comparação de dados fosse feita com minha dissertação de mestrado, em que estágio de letramento digital estarão os adolescentes de classe média alta do colégio particular que investiguei há sete anos? Adolescentes que faziam uso sistemático da internet em casa e na escola. E em que estágio de conhecimento estarão as estudantes que pesquisei no doutorado, após dois anos do final da pesquisa? O que apontei como característica de letramento digital na época talvez seja hoje obsoleto para os adolescentes de classe média e o que considero como letramento digital hoje depende do contexto em que os usuários estão inseridos. Por exemplo, o que é ser letrado digital para um funcionário da Microsoft, empresa multinacional do ramo da informática? Com certeza é bem diferente de ser letrado digital na FaE. A partir desses pressupostos, foi necessário buscar autores que discutissem aspectos ligados a práticas e eventos de letramento em contextos locais.

As duas pesquisas citadas acima apresentaram diferentes perfis de sujeitos, diferentes espaços escolares e foram realizadas em diferentes períodos da primeira década do século XXI. Mas por que dizer “diferentes períodos” em relação a uma diferença temporal tão pequena? É porque o que chamamos de *Web 2.0*¹ mudou e ampliou muita coisa em uma década. As transformações que a cada ano se mostram nos dão a sensação de estarmos sempre ultrapassados quando apresentamos os resultados das pesquisas realizadas.

¹ *Web 2.0* é um termo criado em 2004 pela empresa estadunidense O'Reilly Media para descrever a segunda geração da World Wide Web – tendência que reforça o conceito de troca de informações e colaboração dos internautas com sites e serviços virtuais. A ideia é que o ambiente on-line se torne mais dinâmico e que os usuários colaborem para a organização de conteúdo. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica>.

Em 2006, já se falava em *Web 3.0*² quando nem bem sabíamos o que era a *Web 2.0*. O termo ficou conhecido por meio de um [artigo publicado no New York Times](#) por [John Markoff](#) que descreveu a Web 3.0 como a Web Semântica “uma época em que as máquinas começam a fazer coisas aparentemente inteligentes”³.

Ampliar as concepções sobre temas relacionados à cultura digital e ao letramento relacionado às práticas de leitura e escrita próprias a esta cultura e conhecer, por meio da leitura ou re(leitura) de vários autores, as diferentes teorias e prenúncios sobre o tema, é uma maneira de comparar meus diferentes olhares “no tempo” e dar continuidade às discussões sobre tais questões contemporâneas. Logo, apresento a partir deste artigo um breve recorte do que venho “perseguindo” atualmente.

O digital nas culturas do escrito

O termo “culturas do escrito” de acordo com Roger Chartier (2001, p. 84-85),

vai desde o livro ou o jornal impressos até a mais ordinária, a mais cotidiana das produções escritas, as notas feitas em um caderno, as cartas enviadas, o escrito para si mesmo, [...] na cultura do escrito [haveria] um *continuum* desde a prática da escrita ordinária até a prática literária.

Para Galvão (2009), “culturas do escrito” é um termo capaz de expressar que

[...] não existe um único lugar para o escrito em uma determinada sociedade ou em determinado grupo social. O uso da palavra “escrito” em lugar de “escrita”, por sua vez, serve para destacar que estamos nos referindo não apenas às habilidades de escrever – como se poderia supor, à primeira vista, ao se usar o feminino “escrita” –, mas a todo e qualquer evento ou prática que tenha como mediação a palavra escrita.

A autora afirma ainda que “os lugares ocupados pelo escrito transformam-se permanentemente: a cada indivíduo que nasce, a cada livro escrito, a cada papel rasgado, a cada tela digitada, a cada poesia recitada” (GALVÃO, 2009).

Considerando essas definições, pode-se afirmar que, atualmente, o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), mediado pela palavra escrita, é também parte do que os

² A Web 3.0 propõe-se a ser, a terceira geração da Internet. A primeira, Web 1.0, foi a implantação e popularização da rede em si; a Web 2.0 é a que o mundo vive hoje, centrada nos mecanismos de busca como [Google](#) e nos sites de colaboração do internauta, como [Wikipedia](#), [YouTube](#) e os sites de relacionamento social, como o [Facebook](#). A Web 3.0 pretende ser a organização e o uso de maneira mais inteligente de todo o conhecimento já disponível na Internet. (<http://sites.google.com/site/historiasobreossitesdebusca/web-3-0>).

³ Entrepreneurs See a Web Guided by Common Sense (<http://www.nytimes.com/2006/11/12/business/>).

autores consideram como “culturas do escrito”. Quando me refiro às TIC, estabeleço um recorte ligado ao fator interatividade⁴ que essas promovem. Não pretendo tratar aqui apenas da escrita na tela, mas dos escritos produzidos nas redes sociais⁵ que além da tela do computador, invadem outros aparelhos como celulares comuns, Blackberry⁶, i-Phone⁷ etc. e circulam amplamente em todas as mídias. Mas, que recorte estabelecer para tão amplo campo de estudos? O que investigar sobre esses escritos? Tenho por pressuposto que como as “culturas do escrito” estão presentes no suporte digital de modo intenso, estas são caracterizadas por uma nova textualidade. Quais seriam as especificidades desta? Há uma diferente “lógica” de escrita, leitura e produção de sentidos para os escritos produzidos nas redes sociais que ultrapassam a lógica estabelecida pelo hipertexto? De que forma os participantes dessa “geração interativa”⁸, envolvidos com as diferentes mídias digitais, produzem seus discursos e estes se tornam inteligíveis?

Há muito tempo a interatividade vem chamando minha atenção quando se trata de cultura digital. Muitos estudos sobre Educação a Distância, por exemplo, ressaltam a importância deste fator, mas parece que as redes sociais se constituem como o fenômeno que, realmente, legitimou o termo “interatividade”.

“O digital nas culturas do escrito”⁹ é, portanto, uma proposta de estudo que se divide em duas perspectivas. A primeira – da linguagem – que pretende analisar as características textuais dos escritos produzidos nas redes sociais e, a segunda – a partir de uma perspectiva histórica – compreender as transformações ocorridas ao longo dos séculos quando da mudança de suportes textuais, não apenas para estabelecer comparações ou apontar contradições, mas também observar o *continuum* que impede as radicais rupturas. Assim, o objetivo maior deste estudo aproxima-se da análise de uma perspectiva histórica que privilegia o discurso da continuidade em relação às

⁴ A segunda edição do ano de 2010 da *Revista.br*, uma das publicações do Comitê Gestor da Internet (CGI), apresenta como um dos principais e mais impactantes significados do termo internet aquele que nos remete à ideia de “ferramenta que promove a interação entre pessoas [...] o instrumento mais revolucionário já concebido para a comunicação e relacionamento entre pessoas”. Segundo a revista, essas definições é que dão o maior significado à rede.

⁵ Temos as mensagens de texto SMS; os *scraps* do *Orkut*, *Facebook* e *Twitter*; as conversas via *MSN*, que são as redes sociais mais populares.

⁶ BlackBerry® é composto por smartphones com um software integrado que possibilita acesso a uma série de serviços de dados e comunicação, mesmo em trânsito: e-mail, telefone, mapas, organizador, aplicativos, jogos, Internet etc. (<http://br.blackberry.com/ataglance>).

⁷ O iPhone é um *smartphone* desenvolvido pela *Apple Inc.* com funções de *iPod*, *câmera digital*, *internet*, *mensagens de texto* (SMS), *visual voicemail*, conexão *wi-fi* local e, atualmente, suporte a videochamadas (*FaceTime*). A interação com o usuário é feita através de uma tela sensível ao toque. (<http://store.apple.com/br>).

⁸ Expressão utilizada em artigos postados no portal (<http://www.educarede.org.br/>).

⁹ O digital nas culturas do escrito é uma proposta de pós-doutorado em andamento. Aqui se configura como um artigo referente à apresentação feito no InPLA 2011.

culturas do escrito, buscando compreender as mudanças que a mediação tecnológica digital promove na linguagem e nas práticas comunicativas submetidas às redes sociais.

Para isso, foi necessário realizar um levantamento dos estudos sobre as redes sociais via Banco de Teses da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior); analisar a estrutura e a organização das redes sociais *Facebook* e *Twitter*, verificar a facilidade, ou não, de se compreender a disposição dos escritos nessas redes sociais e descrever as especificidades dos escritos produzidos nessas redes.

Para o momento, este artigo limita-se ao levantamento dos estudos e a um breve comentário sobre como meu interesse se alinha ou não ao que essas pesquisas já realizadas apresentam. Para isso, realizei um levantamento da produção sobre o tema “redes sociais” por meio dos resumos que constam no banco de teses da CAPES. Não é um levantamento exaustivo, mas necessário a fim de elucidar o que tem sido pesquisado e em que áreas do conhecimento.

Considerando também que refletir sobre as redes sociais a partir das perspectivas da linguagem e histórica requer uma base teórica diferenciada, neste artigo, apresentarei brevemente alguns autores para, em oportunidade futura, explorar e operacionalizar os conceitos apresentados por eles. São os autores: Chartier, Petrucci e Bakhtin.

Importantes contribuições teóricas

Chartier e Petrucci são autores fundamentais para a reflexão sobre as culturas do escrito. O primeiro desde a década de 1990 vem se dedicando a este campo de estudos com um número já bastante significativo de produções e Petrucci que, além de historiador especializado, fornece ferramentas para permitir a compreensão das inquietudes geradas pela entrada em um mundo onde as técnicas de produção da escrita, os meios de sua divulgação e apropriação vêm se transformando.

Segundo Petrucci (1999), em seus levantamentos históricos sobre a escrita manual e mecânica a partir do século XIII, a alteração dos suportes textuais tanto preservam características passadas quanto apresentam novas possibilidades de ler e escrever; tal alteração tem a ver também com o alcance das obras que vão ganhando um novo formato, além da intervenção do corpo na técnica da escrita, os diferentes instrumentos de escrita, os lugares e os tempos de produção, a relação visual e física com o exemplar e o nível cultural, social e educacional dos responsáveis por reproduzir a escrita.

No entanto, essas transformações relatadas por Petrucci aconteceram em um tempo e ritmo diferentes da vida atual, pois seus estudos partem de dados bem remotos. Hoje, uma das preocupações, principalmente quanto à mudança de suportes textuais, é a digitalização das bibliotecas, como aponta Chartier em entrevista ao jornal Folha de S.Paulo¹⁰: “A transferência do patrimônio escrito de um meio para outro já teve precedentes [...] um "mesmo" texto deixa de ser o mesmo quando muda o suporte sobre o qual está inscrito e, com isso, suas formas de leitura e o sentido que lhe venha a ser atribuído por novos leitores”. Chartier (2003) tem como ponto de vista que ler numa tela pode ser considerado uma das revoluções mais radicais dos últimos tempos, pois a representação eletrônica dos textos modifica a relação com o escrito e permite intervenções no texto, antes impossíveis.

Para este estudo, serão priorizadas as mudanças que a mediação tecnológica digital promove na linguagem e nas práticas comunicativas submetidas às redes sociais. Assim, os estudos de Chartier e Petrucci funcionarão como “pano de fundo” para “fixar” meu olhar sobre o *continuum* que sustenta todas as alterações advindas da mudança de suportes textuais, evitando falar em rupturas. Como exemplo disso, hoje os *I-Phones* e *I-pads* permitem que você “passe as páginas” da tela através do simples toque das pontas dos dedos, como se o aparelho fosse um livro. Isso é aproximação com o impresso e não ruptura. Diniz (2005) aponta que na dialética entre o “velho” e o “novo”, há necessariamente um movimento inter-relacional, pois o “velho” traz em si elementos do novo, assim como o “novo” traz elementos do “velho”. Trata-se, segundo o autor, de “uma condição para que a passagem de um momento para outro se dê”.

A fim de abordar as questões referentes à linguagem, sabemos que a teoria bakhtiniana trouxe significativa contribuição ao estudo do texto e do discurso, principalmente quando se trata da interação verbal. Assim, tratar da diferente “lógica” de escrita, leitura e produção de sentidos para os escritos produzidos nas redes sociais requer uma reflexão acurada sobre os recursos de interação e a nova textualidade implícita nestes. Os conceitos “dialogismo e polifonia” cunhados por Bakhtin nos permitem pensar um pouco sobre essa interação presente nas redes sociais, pois há uma pluralidade de vozes que participam de um diálogo intenso. A concepção de linguagem (seja língua ou discurso) da qual Bakhtin fala é fundamentada pela interação entre interlocutores e o texto não pode ser pensado apenas do ponto de vista lingüístico; o texto é o resultado da criação

¹⁰ Jornal Folha de S. Paulo, domingo, 29 de novembro de 2009, suplemento MAIS!

ideológica, de uma enunciação que acontece dentro de um determinado contexto histórico, social e cultural; nos tornamos “contaminados” pelas palavras dos outros:

Nossa fala, isto é, nossos enunciados [...] estão repletos de palavras dos outros, caracterizadas também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos (BAKHTIN, 2003, p. 314)

As redes sociais se caracterizam pela constante voz e olhar do outro, pela troca de informações, ideias, sensações, através de enunciações pouco planejadas e informais ligadas às condições de comunicação, às orientações sociais e ao contexto das significações prévias de cada um. Quais as características deste texto produzido nas redes sociais? Bezerra (2010) lembra que para alguns críticos, o internetês não é língua, ou é uma língua inferior, inaceitável e estranha. Já Bisognin (2009) citado por Bezerra (2010, p. 182) defende que o internetês

seria apenas mais uma faceta da versatilidade da língua, com a particularidade de reunir aspectos da fala e da escrita convencional numa forma de expressão da língua que tem de diferente o fato de grafar 20% do seu léxico em desacordo com a norma ortográfica oficial.

Analisar o *corpus* da escrita produzida nas redes sociais torna-se, portanto, mais um desafio¹¹. Nas redes *Facebook* e *Twitter*, a escrita fica registrada numa disposição diferente e mais complexa que a das outras redes (*chats* ou *MSN*); mais complexa no sentido de haver muitos outros tipos de apelos além da interação virtual pretendida pelos usuários, o que faz emergir a questão da multimodalidade, que segundo Ribeiro (2010 p. 241) são “camadas de discurso e recursos linguísticos e gráficos selecionados e combinados a fim de compor determinado produto legível” isto é “camadas que modalizam os textos, conforme se dê a eles características mais verbais, mais visuais, mais sonoras ou conforme a maneira como se usam as cores, o *layout*, a posição dos elementos na página” (*idem*).

Um dos procedimentos metodológicos utilizados para a análise deste corpus é a netnografia: nova abordagem da etnografia no ciberespaço. O termo “netnografia” ou etnografia virtual foi cunhado a partir da década de oitenta por Robert V. Kozinets (1998). As aplicações dos estudos desse pesquisador foram feitas no contexto da área de marketing virtual ou *cibermarketing* para estudar os hábitos dos consumidores que participavam do ciberespaço. Segundo Sherry e Kozinets (2000), a netnografia

¹¹ Tal desafio é apenas mencionado neste artigo, devido à pesquisa estar em andamento.

refere-se à mistura de técnicas etnográficas inovadoras, adaptadas ao estudo de comunidades virtuais a fim de obter experiências profundas da sociabilidade digital. Passo agora a apresentar os resumos mencionados anteriormente.

Os resumos do Banco de Teses da CAPES

Para localizar os trabalhos disponíveis no portal, utilizei a ferramenta de busca por assunto, por meio das seguintes expressões: redes sociais virtuais, relações nos ambientes virtuais, *Twitter*, *Facebook* e *Orkut*. Já de início, evitei a seleção de pesquisas que não pertenciam à área das ciências humanas; pesquisas sobre Educação a Distância ou no contexto de necessidades especiais visto que não atendem aos objetivos já apontados.

Dentre as 200 pesquisas, em média, apresentadas pelo portal a partir das expressões lançadas no campo assunto selecionei 31¹² que estavam diretamente ligadas ao assunto em questão. Mais da metade foi defendida nos anos de 2008 e 2009, a pesquisa mais antiga data do início da década, 2002, por se tratar de *chats*, um dos primeiros gêneros textuais do universo digital caracterizado pela sincronicidade da interação. A respeito das áreas de conhecimento em que as pesquisas foram classificadas, há seis da área da Educação, três da Sociologia, oito da Comunicação, cinco da Linguística Aplicada, quatro da Psicossociologia, três da Antropologia Social e duas da área de Design digital.

Na área da Educação as pesquisas buscaram investigar a inserção e uso das redes sociais, principalmente o *Orkut*, como uma extensão da sala de aula, uma ferramenta de auxílio no processo de ensino-aprendizagem para além dos espaços tradicionais educativos.

Há também as que abordam questões como subjetividade e construção da identidade, ressaltando a relação de fascínio dos usuários, principalmente os jovens/adolescentes, diante de sites de relacionamentos e práticas sociais subordinadas ao computador, internet, *Orkut*, celular, *MP3*, *MSN*, visando entretenimento, comunicação, informação, conhecimentos, amizade, trabalho etc. Tais pesquisas buscam apresentar novas formas de relação com o saber e com a aprendizagem, visando uma perspectiva autônoma e significativamente diferente da prática escolar.

As áreas da Sociologia, Psicossociologia e Antropologia Social apresentam algumas pesquisas que visaram: destacar o que há de característico nos novos grupos sociais emergentes no ciberespaço, e em específico nas redes sociais; criticar a ideia de comunidade virtual, já

¹² As pesquisas selecionadas estão listadas nas referências bibliográficas ao final do artigo.

ultrapassada, e indicar novas vias interpretativas que levantam a ideia de Metrópole Virtual; e refletir sobre as novas práticas sociais e culturais de relacionamento trazidas pelos ambientes de interatividade da rede. Sobre essa questão, há duas pesquisas que destacam a sociabilidade amorosa mediada pela tecnologia eletrônica e as representações que os usuários elaboram acerca desta experiência.

O trânsito regular entre as dimensões do on-line (virtual) e do off-line (real) também foi tema de pesquisa que buscou investigar em que medida vidas são afetadas pela alternância constante entre esses modos espacial e temporalmente diferentes de comunicação e de interação social.

A Comunicação aparece como a área de conhecimento onde se concentram mais pesquisas sobre as redes sociais. Pesquisas atestam que as tecnologias móveis de comunicação, principalmente os telefones celulares, são responsáveis pela produção de novas redes sociais em um espaço que interconecta o físico e o virtual e integra uma gama complexa de sentimentos, linguagens, significados e subjetividades. A tecnologia está integrada à cultura contemporânea na nova relação social digitalizada.

Outras pesquisas propõem a investigação das diferenças comportamentais de usuários das redes sociais, em particular o *Orkut* e o *Facebook*, que propiciam novas formas de experimentar as dimensões de ser, estar e relacionar-se.

Em pesquisas da área do Design Digital, foram avaliadas, entre outros aspectos, as características de cada tipo de comunidade online, constatando-se que é possível se definir qual a melhor estrutura e ambiente a ser construído, levando-se em conta o interesse e objetivo de quem estrutura a comunidade ou a rede.

A Linguística Aplicada apresenta pesquisas que visam, principalmente, refletir sobre os novos gêneros textuais disseminados na rede, como por exemplo, o gênero Fórum de discussão do *Orkut* em que foi analisada a contribuição de estratégias de referência anafóricas com núcleos nominais, para a orientação argumentativa do texto; ainda sobre o *Orkut*, este é considerado um *site* que funciona como um megagênero, pois comporta vários gêneros como o *scrapbook* que se revela como uma reconfiguração do bilhete tradicional.

Destaco, especialmente, a pesquisa de Ávila (2008), em que a autora buscou apresentar o “internetês” não como uma nova língua, nem como um mero sistema de escrita, mas como um socioleto que identifica a tribo dos internautas que interagem em tempo real via *MSN* e outros

chats. Ávila considera que o internetês existe sob a forma de uma escrita que “amalgama todos os sistemas de escrita já inventados pela humanidade e que embaralha as fronteiras entre o oral e o escrito de um modo nunca antes visto. Um socioleto que provoca uma revolução no pensamento linguístico sedimentado”.

Após realizar esse breve olhar sobre as pesquisas e conferir as tendências assumidas nos estudos dos últimos anos, é possível, mesmo que por meio de resumos, dizer com quais tendências me “alinho” ou não, diante das perspectivas da linguagem e da história.

Interessam-me tendências que associam o uso das redes sociais como uma prática desligada dos processos de ensino-aprendizagem, pois nas pesquisas da área da Educação o contexto “aprendizagem” é sempre o “fim” de quase todos os estudos, o que não deixa de ser natural. Tenho por objetivo, portanto, analisar a cultura digital por ela mesma, evitando justificativas para sua existência ou uso.

Quanto à área das Ciências Sociais, interessa-me considerar as redes sociais numa perspectiva mais ampla que a da “comunidade”, passando a enxergá-las como verdadeiras metrópoles virtuais, que ultrapassam as relações de amizade e inserem os indivíduos num espaço virtual desconhecido, como é o caso do *Twitter*, ambiente virtual onde o usuário escolhe a quem “seguir” e passa a participar das redes sociais de celebridades ou programas de TV. Assim, a ampliação dos espaços de conexão permite integrar a tecnologia digital à cultura contemporânea, à vida cotidiana das pessoas, como apontam as pesquisas da área da Comunicação. A escrita digitalizada das redes sociais surge, portanto, como mais uma possibilidade de participação das culturas do escrito na contemporaneidade. Faz surgir sujeitos protagonistas em relação às práticas sociais de leitura e escrita em ambientes digitais, independentemente da “qualidade” da escrita.

Tendo como pressuposto que o principal motivo do uso das redes sociais é a comunicação entre as pessoas, superando os usos para os fins educacionais e de aprendizado, considero importante refletir sobre a estrutura e organização do ambiente digital, pois tenho como hipótese que a configuração deste influencia a textualidade, facilitando, ou não, a compreensão da disposição dos escritos na tela do computador, do celular ou de qualquer outro aparato tecnológico que sirva para conectar-se às redes sociais. No *Facebook*, *Orkut* ou *Twitter*, por exemplo, a facilidade de compreender ou não o que está escrito no ambiente digital está submetida à forma como o conteúdo desses *sites* se apresentam. A princípio, não é nada fácil compreender no *Facebook*: quem fala para quem?; quem comenta ou curte o quê?; como compartilhar conteúdos?;

quem está pensando em quê?, ou no *Twitter*: quem segue quem; quem são os seguidores; como “retwittar”¹³ as mensagens etc.

Neste caso, vejo a necessidade de fazer dialogarem a linguagem verbal e o *design*. E para tratar da disposição e características dos signos gráficos nas telas a fim de otimizar ao máximo a legibilidade e dar maior atenção às informações visuais, considerando o conhecimento dos usuários, suas expectativas e motivações, busco as discussões realizadas por Gruszynski (2009) que estuda os espaços de leitura e escrita e propõe um lugar para o *design* como atividade que dá forma material a conceitos. Para a autora, falar em letramento hoje é compreender que os espaços de leitura são amplos. Eis a importância de se considerar e analisar, na contemporaneidade, as escritas digitais como pertencentes às culturas do escrito e submetidas a contextos de letramento digitais específicos.

É importante mencionar, também, meu interesse em analisar os gêneros próprios às redes sociais e a nova linguagem que se instala, relativizando as rupturas entre as modalidades oral e escrita e evitando considerar tais mudanças como “revoluções no pensamento linguístico sedimentado” (ÁVILA, 2008).

Enfim, apesar dos avanços tecnológicos propagandeados, do desenvolvimento da *Web* e de toda a empolgação que me envolve quando se trata desse assunto, aprendi ao longo dessa década a desconfiar de alguns discursos, tanto daqueles que rejeitam as inovações tecnológicas, como daqueles que as exaltam sobremaneira. Não é um exercício fácil, mas essencial quando se pesquisa um tema que “acontece” a toda hora. Não há bases sólidas quando tratamos de assuntos dessa natureza. Somos simultaneamente “incluídos e excluídos”¹⁴ digitais devido à velocidade com que as informações se reproduzem atualmente.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec; 1992.

_____. *Estética da Criação Verbal*. Trad.: Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

¹³ Interessante observar que a expressão *Twitter* é responsável pelos neologismos *twittar* e *retwittar* constantes no vocabulário dos seus usuários.

¹⁴ Referência à tese: Buzato, Marcelo El Khouri. *Entre a fronteira e a periferia : linguagem e letramento na inclusão digital* / Campinas, SP: 2007.

BEZERRA, Benedito Gomes. Ler e escrever no Orkut: práticas discursivas dos alunos na visão dos professores. In: RIBEIRO, Ana Elisa... [et al] (Orgs.). *Linguagem, Tecnologia e Educação*. São Paulo: Peirópolis, 2010, p. 177-190.

BISOGNIN, Tadeu R. *Sem medo do internetês*. Porto Alegre: Age, 2009.

CHARTIER, Roger. *Formas e sentido – cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas, SP: Mercado de Letras / Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003. (Coleção Histórias da leitura).

_____. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

DINIZ, Luiz Antonio Garcia. Cibercultura e literatura: hipertexto e as novas arquiteturas textuais. *Alea: Estudos Neolatinos*, v. 7, n. 2, Rio de Janeiro, p. 209-222, Jul./Dez, 2005.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa*, 2009. (mimeo).

GRECO, Alessandro. *A web 3.0 - REVISTA.br – CGI*. Ano 02, 2010. disponível em <http://www.cgi.br/publicacoes/revista/edicao02/index.htm>.

GRUSZYNSKI, Ana. C.; SANSEVERINO, Antonio M. O periódico científico na área de humanidades: critérios de avaliação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2005, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, 2005.

GRUSZYNSKI, Ana C. Apresentação na mesa Texto, *hipertexto* e multimodalidade. **HIPERTEXTO 2009**, n. 3, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://www.slideshare.net/anagru/apresentao-ana-gruszynski-no-hipertexto-2009-em-bh>. Acesso em: 24 jul. 2010.

KOZINETTS, Robert. On Netnography: Initial Reflections on Consumer Research Investigations of Cyberculture. In: ALBA, Joseph.; HUTCHINSON, Wesley. (ed.). *Advances in Consumer Research*, v. 25, Provo-UT: Association for Consumer Research, p. 366-371, 1998.

PETRUCCI, Armando. *Alfabetismo, escritura, sociedad*, Barcelona: Gedisa, 1999.

RIBEIRO, Ana Elisa. Retextualização, multimodalidade e mídias no ensino de Português. In: RIBEIRO, Ana Elisa... [et al] (orgs.). *Linguagem, Tecnologia e Educação*. São Paulo: Peirópolis, 2010.

SHERRY Jr., John F.; KOZINETTS, Robert. V. Qualitative Inquiry in Marketing and Consumer Research. In: IACOBUCCI, Dawn (Ed.). *Kellogg on Marketing*. New York: Wiley, 2000, p. 165-194.

TESES E DISSERTAÇÕES DO PORTAL CAPES

ALVES, Waldir Antonio. *Tecnologias Digitais e Redes Interativas*. 2009. Dissertação (Mestrado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

ARAÚJO, Cíntia Regina Dal Bello. *Cibercultura e subjetividade: uma investigação sobre a identidade em plataformas virtuais de hiperespetacularização do eu*. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

ARAÚJO, Suely Trevizam. *Comunidades Virtuais: Interfaces do Contexto Cultural no Orkut e suas Comunicações*. 2008. Dissertação. (Mestrado em Comunicação). Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2008.

ÁVILA, Maribel Chagas de. *Internetês: uma anamnese da história da escrita*. 2008 Dissertação. (Mestrado em Estudos de Linguagem). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2008.

BARREIRA, Carolina Roxo Nobre. *Corpos virtuais: representações do corpo nos web-chats*. 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

BISOGNIN, Tadeu Rossato. *Do internetês ao léxico da escrita dos jovens no orkut*. 2008. Dissertação. (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BORGES, Gabriela Machado G. *Contribuições teóricas e metodológicas para uma etnografia em ambientes virtuais*. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Sócia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

CAMARGO, Claudia Coelho Hardagh de. *Redes sociais virtuais: uma proposta de escola expandida*. 2009. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

CASTRO, Clarissa Fonseca de. *Cibersociabilidade: um olhar sobre a sala de bate-papo "namoro 40-50 anos"*. 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

CORRÊA, Cynthia Harumy Watanabe. *Reterritorializações no não-lugar da Rede Social Orkut*. 2008. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2008.

COSTA, Adriano Medeiros. *Fugindo da Banalidade: O Uso do Orkut Como Extensão da Sala de Aula*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

DORNELLES, Jonatas. *Vidas na Rede: uma análise antropológica da virtualidade*. 2008. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

FERREIRA, Auda Valéria do Nascimento. *A Abordagem das Variedades Linguísticas: uma experiência em sala de aula e Orkut com alunos do ensino médio*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.

FILHO, Zadoque Alves da Fonseca. *O Maravilhoso País do Orkut*. Ficção, Jogos e Moral na Rede. 2007. Dissertação. (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

FRANCA, Vanderléa Oliveira. *Caleidoscópio Digital*. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

GALVÃO, Alessandro Nobre. *As formas nominais anafóricas no gênero fórum de discussão do orkut*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

GONDIM, Marcio Silva. *Felicidade no Ciberespaço*: Um Estudo com Jovens Usuários de Comunidades Virtuais. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza 2007.

JUNIOR, José Alberto Roza. *As inter-relações na adolescência*: a máquina in-corporada e a virtualidade contemporânea. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2009.

KOO, Lawrence Chung. *Estudo de atratividade dos ambientes de comunidades virtuais*: Análise Comparativa LinkedIn e Orkut. 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

MACHADO, Davi Marcos. *A Estruturação de Comunidades e Redes Sociais em Ambiente Virtual*. 2009. Dissertação (Mestrado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

MARTINS, Claudia Cristiane Levandoski. *Gêneros digitais e a escrita no orkut*: reconfiguração do gênero bilhete. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, SC, 2007.

MEDEIROS, Rosangela de Araujo. *A relação de fascínio de um grupo de adolescentes pelo Orkut*: um retrato da modernidade líquida. 2008. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MOCELLIM, Alan Delazeri. *A Metrópole Virtual*: uma alternativa ao conceito de comunidade virtual. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

NASCIMENTO, Carlize Regina Ogg. *Do Amor em Tempos de Internet*: Análise Sociológica das Relações Amorosas Mediadas pela Tecnologia. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

NASCIMENTO, Liliane da Costa. *Participação e vigilância nos sites de rede social*: um estudo do Facebook.com. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

PELLANDA, Eduardo Campos. *Internet móvel: Novas reflexões na cibercultura derivadas da mobilidade na comunicação*. 2005. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ROCHA, Adauto Galvão da. *Representações sociais sobre novas tecnologias da informação e da comunicação: novos alunos, outros olhares*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Santos, Santos, SP, 2009.

SANTANA e SANTANA, Camila Lima. *Aprendizagem em Rede: novos olhares sobre o orkut*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade). Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2008.

SEGATA, Jean. *Lontras e a Construção de Laços no Orkut*. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SILVA, Adriana Araujo de Souza e. *Interfaces móveis de comunicação e subjetividade contemporânea de ambientes de multiusuários como espaços (virtuais) a espaços (híbridos) como ambientes de multiusuários*. 2004. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

SILVA, Célia Regina da. *Comunid@de Virtu@t: Uma análise linguístico-discursiva do scrapbook*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade de Taubaté, Taubaté, SP, 2007.

THIBES, Mariana Zanata. *Orkut: O Público, o Privado e o Íntimo na era das Novas Tecnologias da Informação*. 2009. Dissertação. (Mestrado em Sociologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.